A ARTE DE PROFETIZAR



WILLIAM PERKINS

WILLIAM PERKINS

A ARTE DE PROFETIZAR



Academia Brasileira de Estudos em Teologia Reformada
Instituto Malleus Dei

INSTITUTO MALLEUS DEI

A Arte de Profetizar

Traduzido do original em inglês

"The Art of Prophecy"

por William Perkins

•

1ª Edição em latim - 1592

1ª Edição em inglês – 1606

1ª Edição revisada por Banner os Truth – 1996

Reimpressão - 2011

Academia Brasileira de Estudos em Teologia Reformada
Instituto Malleus Dei

SUMÁRIO

William Perkins 5

Prefácio 18

Introdução 21

1. A Arte de Profetizar 22

2. A Palavra de Deus 24

3. Os conteúdos da Escritura 28

4. A interpretação das Escrituras 43

5. Princípios para expor a Escritura 52

6. Manejando corretamente a Palavra de Deus

7. Uso e aplicação

8. Variedades de aplicações

9. O Uso da memória

10. Pregando a Palavra

11. A oração pública

Resumo

WILLIAM PERKINS [1]

William Perkins, filho de Thomas e de Hannah Perkins, nasceu em 1558 na vila de Marston Jabbett, na paróquia de Bulkington, Warwickshire. Quando jovem, cedeu a práticas desordenadas, à profanidade e à embriaguez. Em 1577, ele ingressou no Christ's College, em Cambridge, como pensionista, o que dá a ideia de que ele era socialmente da baixa nobreza. Ele obteve um grau de bacharel em 1581 e um de mestre em 1584.

Enquanto estudante, Perkins experimentou uma extraordinária conversão, que, provavelmente, começou quando ouviu casualmente na rua uma mulher repreender seu filho desobediente fazendo alusão ao "beberrão Perkins,". Esse incidente humilhou tanto Perkins que ele abandonou seus maus caminhos e fugiu para Cristo em busca da salvação. Renunciou ao estudo de matemática e a seu fascínio pela magia negra e pelo ocultismo, e se dedicou à teologia. Com o tempo ele se ligou a Laurence Chaderton (1536-1640), que veio a ser seu preceptor pessoal e amigo para a vida toda. Perkins e Chaderton se reuniam com Richard Greenham, Richard Rogers e outros numa irmandade espiritual em Cambridge, que abraçava convicções calvinistas e puritanas.

[1] Joel R. Beeke e Randall J. Pederson. Paixão pela Pureza. São Paulo: PES, 2010. p. 573-583

Cambridge era o principal centro puritano naqueles dias. O preparo formal de Perkins foi calvinista dentro de uma estrutura escolástica. Entretanto, a educação escolástica em Cambridge foi um tanto modificada por influência de Peter Ramus. O ramismo tinha obtido apoio dos puritanos devido a sua praticidade. Ramus, um convertido do catolicismo romano, tinha reformado o currículo das artes aplicando-o à vida diária. Ele propôs um método para simplificar todos os assuntos acadêmicos, oferecendo uma lógica simples, tanto para a dialética como para a retórica, a fim de torná-las fáceis a entender e a memorizar. Chaderton introduziu, primeiramente, a obra de Ramus, *Art of Logic* a alunos de Cambridge, particularmente a Gabriel Harvey, um preletor que usou os métodos de Ramus para reformar as disciplinas de gramática, retórica e lógica no curso de artes.[2]

Perkins ficou impressionado com a apresentação de Harvey e a aplicou ao seu manual sobre pregação intitulado *The Art of Prophesying, or a treatise concerning the sacred and only true manner and method of preaching*. O treinamento de Perkins pelo método de Ramus orientou-o em direção à aplicação prática, antes, que à teoria especulativa e lhe deu habilidades para tomar-se um pregador e teólogo popular. Desde 1584 até sua morte, Perkins serviu como preletor, ou pregador, na Great St. Andrew's Church, em Cambridge, um púlpito muito influente do outro lado da rua do Christ's

[2] Matérias então não consideradas propriamente cientificas. Nota do tradutor.

College. Ele serviu também como membro do corpo docente do Christ's College de 1584 a 1595. Requeria-se dos membros do docente que pregassem, fizessem preleções e agissem como preceptores dos estudantes, atuando como guias para a aprendizagem e também como guardiães das finanças, da moral e dos costumes.

No dia 2 de julho de 1595, Perkins renunciou a esse cargo diretivo para casar-se com uma jovem viúva. Isso motivou Samuel Ward, posteriormente professor de Teologia do {Colégio} Lady Margaret, a registrar sua reação em seu diário dizendo “Bom Senhor, concede... que não ocorra nenhum estrago no college”. Homens da estirpe de Ward, consideravam dar testemunho da sua vida exemplar.

Perkins prestou serviço à universidade noutras capacidades. Foi deão do Christ's College de 1590 a 1591. Catequizava os estudantes no Corpus Christ's College nas tardes de quinta-feira, lecionando sobre os Dez Mandamentos de que impressionava profundamente os estudantes. Nas tardes de domingo ele trabalhava como preceptor, aconselhando os que se achavam angustiados espiritualmente.

Perkins tinha excepcionais dons para a pregação e fantástica capacidade de alcançar as pessoas comuns com pregação e teologia simples e direta. Ele foi pioneiro na casuística puritana - a arte de lidar com “casos de

consciência" mediante autoexame e diagnose escriturística. Muitos foram convencidos e libertados da escravidão sob sua pregação. Os prisioneiros da cadeia de Cambridge estavam entre os primeiros a se beneficiarem de sua poderosa pregação. Perkins "pronunciava a palavra maldição com tal ênfase que deixava um lúgubre eco nos ouvidos dos ouvintes por um bom tempo", escreveu Thomas Fuller. "Muitas pessoas escravizadas, como Onésimo, foram convertidas a Cristo" (*Abel Redevivus*, 2:145,146).

Samuel Clarke dá-nos um notável exemplo do cuidado pastoral de Perkins. Diz ele que um prisioneiro condenado estava subindo ao patíbulo parecendo meio morto, quando Perkins lhe disse: "Que é isso, homem? Que é que há contigo? Estás com medo da morte?" O prisioneiro confessou que tinha menos medo da morte do que do que viria depois. "Sendo o que dizes", disse Perkins, "desce para cá de novo, homem e verás o que a graça de Deus vai fazer para te fortalecer".

Quando o prisioneiro desceu, os dois se ajoelharam juntos, dando as mãos, e Perkins elevou "uma oração tão eficaz de confissão de pecados... que fez o pobre prisioneiro explodir em abundantes lágrimas". Convicto que o prisioneiro "foi levado abaixo, até às portas do inferno", Perkins mostrou-lhe evangelho em oração. Clarke escreve que os olhos do prisioneiro foram abertos e ele pôde "ver que as negras

linhas de todos os seus pecados foram cruzadas e canceladas pelas linhas vermelhas do precioso sangue do Seu Salvador crucificado, aplicando o tão amorosamente à sua consciência ferida, que o fez romper-se outra vez em novas torrentes de lágrimas pela alegria da consolação interior que ele encontrou". O prisioneiro levantou-se, subiu honrosamente escada, deu testemunho da salvação que há no sangue de Cristo e suportou pacientemente a morte, "como que se vendo de fato libertado do inferno que antes temia, e o céu aberto para receber sua alma, para grande regozijo dos espectadores" (*The Marrow of Ecclesiastical History*, pp. 416, 417).

Os sermões de Perkins eram de muitas "cores", escreve Fuller. Pareciam ser "tudo lei, tudo evangelho, tudo afeto, tudo cruciante, conforme os captavam as diferentes necessidades das pessoas". Ele era capaz de alcançar muitos tipos de pessoas, de diversas classes, sendo "sistemático, erudito, firme e simples ao mesmo tempo". Como diz Fuller, "Sua igreja era constituída da universidade e da cidade; o erudito não poderia encontrar sermões mais instrutivos, os homens da cidade não poderiam encontrar sermões mais simples". O que é mais importante, ele vivia seus sermões. "Assim como a prédica era um comentário do seu texto, assim também, a sua prática era um comentário da sua prédica", conclui (*Fuller Redevivus*, 2:148, 151).

Perkins visava unir a pregação predestinacionista ao viver prático e experimental. Ele se recusava a ver a relação entre de Deus e a responsabilidade do homem como antagónicas, mas, sim, tratava ambas como "amigas" não necessitadas de conciliação.

A semelhança de Chaderton, seu mentor, Perkins se esforçava para purificar a Igreja estabelecida de dentro, antes que juntar-se àqueles puritanos que defendiam uma separação. Em vez de falar da política eclesiástica, ele focalizava o trato das inadequações pastorais, das deficiências espirituais e da ignorância destruidora da alma, presentes na Igreja.

Com o tempo, na qualidade de retórico, expositor, teólogo e pastor, Perkins tornou-se o arquiteto dos princípios do movimento puritano. Sua visão quanto a reforma da Igreja, combinada com seu intelecto, sua piedade, sua forma de escrever, seu aconselhamento espiritual e suas habilidades de comunicação, capacitaram-no a fixar o tom de ênfase puritana do século dezessete à verdade experimental e o autoexame, e à polemica que mantinham contra o catolicismo e o arminianismo. A respeito de Perkins, que ficou com a mão direita inválida, Fuller disse: "Este Eúde, com a pena na mão esquerda, esfaqueou a causa romana". Por ocasião de sua morte, os escritos de Perkins, na Inglaterra, vendiam mais que os de Calvino, Beza e Bullinger, juntos. Ele "moldou a piedade de toda urna

nação", disse H.C. Porter (*Reformation and Reactions in Tudor Cambridge*, p. 260).

Perkins morreu de complicações de cálculo renal em 1620, pouco antes do fim do reinado da rainha Elizabeth. Sua mulher, com quem se casara sete anos antes, estava grávida nessa ocasião; ela cuidava de três filhos pequenos e pranteava a morte de três filhos, recentemente, vencidos por várias enfermidades. O amigo mais chegado de Perkins, James Montagu, posteriormente bispo de Winchester, pregou o sermão fúnebre, baseado em Josué 1:2: "Moisés, meu servo, é morto". Ward, profundamente entristecido, escreveu por muitos: "Deus sabe que sua morte é, provavelmente, uma perda irreparável e um grande juízo sobre a universidade, visto que não há ninguém que possa tomar lugar". (M.M. Knappen, ed., *Two Elizabethan Puritan Diaries* p. 130). Perkins foi sepultado no cemitério da Great St. Andrews. Sua biblioteca, de considerável porte, foi adquirida Willian Bedell, um dos alunos de Perkins, que veio a ser bispo de Kilmore and Ardagh.

Onze edições dos escritos de Perkins, contendo quase cinquenta tratados, foram impressos após sua morte. Seus importantes escritos incluem exposições de Gálatas, capítulos 1-5; Mateus, capítulos 5-7, Hebreus, capítulo 11; Judas e Apocalipse, capítulos 1-3, como também tratado sobre a predestinação, a ordem de salvação, a certeza da fé, o Credo dos Apóstolos, a Oração do Senhor, o culto a Deus,

a vida e vocação cristã, o ministério e a pregação, erros do catolicismo romano, e os vários casos de consciência. Seus escritos, popularizados para leitores leigos são baseados na Bíblia segundo os princípios de interpretação literal e contextual, estabelecidos pelos reformadores. Eles são prática e experimentalmente calvinistas, continuadamente focalizando motivos, desejos e aflições do coração e da vida dos pecadores, sempre visando encontrar e seguir as veredas da vida eterna. Quanto à ênfase pietista, Perkins emprega usualmente o método ramista que apresenta a definição do assunto e sua divisão posterior, frequentemente, por meio de dicotomias, adentrando gradativamente mais títulos ou tópicos, aplicando cada verdade exposta.

A influência de Perkins persistiu por meio de teólogos como William Ames (1576-1633), Richard Sibbes (1577-1635), John Cotton (1585-1652) e John Preston (1587-1628). Cotton considerava o ministério de Perkins "uma boa razão pela qual saíram tantos pregadores excelentes de Cambridge, mais do que de Oxford". Thomas Goodwin (1600-1680) escreveu que quando entrou em Cambridge, seis dos seus instrutores que tinham sentado para ouvir Perkins ainda transmitiam seu ensino. Dez anos após a morte de Perkins, Cambridge ainda estava "impregnada pelo discurso de poder do ministério do Sr. William Perkins", disse Goodwin.

A tradução dos escritos Perkins gerou mais discussão teológica entre a Inglaterra e o continente. J. van der Haar registra 185 publicações do século dezessete, em holandês, das obras individuais ou reunidas de Perkins, duas vezes mais que a de outro puritano (*Frorn Abbadie to Young*: *A Bibliography of English, mostly Puritan, Works, Transladed i/o Dutch Language*, 1:96-108). Ele e Ames, seu aluno mais influente no continente, influenciaram Gisbertus Voctius (1589-1676) e numerosos teólogos da *Nadere Reformatie* {Segunda Reforma Holandesa}. Ao menos cinquenta edições das obras de Perkins foram impressas na Suíça e em várias partes da Alemanha. Seus escritos foram traduzidos também para o espanhol, o francês, o italiano, o gaélico, o galês, o húngaro e o tcheco.

Quase cem homens de Cambridge, que cresceram à sombra de Perkins, lideraram primitivas migrações para Nova Inglaterra, inclusive William Brewster, de Plymouth, Thomas Hooker, de Connecticut, John Winthrop, da Baía de Massachusetts, e Roger Williams, de Rhode Island. Richard Mather foi convertido quando lia Perkins, e Jonathan Edwards gostava de ler Perkins mais de um século depois. Samuel Morison observou que "a vossa típica biblioteca da Colónia de Plymouth compreendia uma Bíblia grande e uma pequena, a tradução de Salmos feita por Ainsworth, e as obras de William Perkins, um teólogo favorito" (*The Intellectual Life of New England*, 2ª edição, p. 134).

“Quem quer que leia os escritos da Nova Inglaterra primitiva sabe que Perkins foi a mais proeminente personagem aos seus olhos”, escreveu Perry Miller. Perkins e seus seguidores foram “os mais citados e respeitados, e os mais influentes dos autores contemporâneos nos escritos e nos sermões da Massachusetts primitiva”.

The Works of William Perkins (Sutton Courtenay Press; 646 páginas; 1970). Editado e introduzido por Ian Breward, este volume contém quinhentas páginas cuidadosamente selecionadas e extraídas dos escritos de Perkins. Está dividido em quatro seções: escritos teológicos, escritos sob culto e pregação, escritos práticos e escritos polêmicos. O livro todo é prefaciado com uma introdução magistral de 131 páginas, cobrindo cinco tópicos: a vida de Perkins, Perkins e a igreja, elizabetana, o ministério do evangelho, a direção consciência, e graça e certeza. Breward era altamente qualificado para escrever esta introdução, visto que sua dissertação doutoral foi sobre a vida e a teologia de Perkins. Breward procura "ilustrar algo da extensão da atividade de Perkins e da estrutura de sua teologia" com as obras que ele inclui. Por essa razão, quem quiser apreciar a significação da obra de William Perkins verá que este é um proveitoso lugar para começar, embora este volume não substitua a leitura das obras completas de Perkins no original.

* ***The Art of Prophesying*** (BTT; 191 páginas; 1996). Este livro dá-nos uma exposição clássica da prática puritana de "profetizar", isto é, pregar, ou "expor a verdade da Palavra de Deus". Três ideias motivaram Perkins a escrevê-lo: a escassez de pregadores capazes na Inglaterra elizabetana, a provisão inadequada para o treinamento de ministros, e sua aversão Pelo estilo homilético e pela estrutura dos "anglicanos da Alta igreja" {anglicanos - católicos}.
Perkins explica como se deve pregar. Ele apresenta o método pelo qual se deve interpretar as Escrituras, expõe os princípios pelos quais se deve expor as Escrituras, e descreve vários meios pelos quais se deve aplicar as Escrituras aos diversos tipos de ouvintes. Perkins divide os ouvintes em sete categorias:

(1) *Incrédulos ignorantes e não ensináveis*. É preciso prepara-los para aceitarem a doutrina da Palavra ministrando-lhes ensino racional e claro, como também reprovando e aguilhoando as suas consciências.

(2) *Incrédulos ignorantes, mas ensináveis*. Diz Perkins que estes precisam ser catequizados nas doutrinas fundamentais da religião cristã. Ele recomenda seu livro escrito com esse propósito, *Foundations of the Christian Religion*, que cobre os seguintes assuntos: arrependimento, fé, as ordenanças, a aplicação da Palavra, a ressureição, e o juízo final.

(3) *Os que tem algum conhecimento, mas ainda não se humilharam*. A estes o pregador deve proclamar especialmente a lei, para despertar dentro deles a tristeza e o arrependimento pelo pecado, seguido pela pregação do evangelho.

(4) *Os que se humilharam*. O pregador não deve apressar-se muito em dar conforto a essas pessoas, mas deve primeiro determinar se a sua humildade resulta da obra salvadora de Deus arraigada na fé, ou se vem de mera convicção comum de pecado. Aos parcialmente humilhados, que ainda não se despiram da sua justiça própria, diz Perkins que a lei deve ser apresentada ainda mais, conquanto, temperada pelo evangelho, a fim de que, "aterrorizados com os seus pecados, e com a meditação no juízo de Deus, juntamente e ao mesmo tempo recebam consolação pelo evangelho". Aos plenamente humilhados, "a doutrina da fé e arrependimento, e os confortos do evangelho devem ser proclamadas e oferecidas".

(5) *Os que creem*. É preciso ensinar aos crentes as doutrinas chaves da justificação, da santificação da perseverança, juntamente com a lei como norma de conduta, antes que como aguilhão e maldição. "Antes da fé, deve-se pregar a lei com a maldição; depois da conversão, a lei sem a maldição", escreve Perkins.

(6) *Os que caíram, quer na fé quer na prática*. Os que se extraviam na fé, caem no conhecimento ou na compreensão de Cristo. Se caem no conhecimento, devem receber instrução na doutrina particular da qual se desviaram. Se falham na compreensão de Cristo, devem examinar-se por meio das marcas da graça e então fugir para Cristo como o remédio do evangelho. Os que caem na prática são os que caem nalguma conduta pecaminosa. É preciso levá-los ao arrependimento, pela pregação da lei e do evangelho.

(7) *Um grupo misto*. Não é fácil classificar essas pessoas, porque são uma combinação dos primeiros seis tipos de ouvintes. Muita sabedoria é necessária para saber quanta lei e quanto evangelho se lhes deve apresentar.
A natureza prática desta obra, a linguagem clara com a qual o assunto é apresentado, e a profundidade de visão que o autor possui, todas essas qualidades são motivos pelos quais o leitor deve familiarizar-se com esta valiosa obra.

PREFÁCIO

As páginas que seguem têm sido escritas por fiéis ministros do Evangelho e para todos os que estão preocupados e perseguem o conhecimento da aprendizagem santa.

A preparação dos sermões é uma tarefa de todos os dias na igreja, mas segue sendo uma grande responsabilidade e não é de maneira alguma fácil. De fato, é duvidoso se há algum desafio mais difícil nas disciplinas teológicas do que a homilética. Seu tema é profecia, que é uma "dádiva maior" de fato (cp. 1 Co. 12:31), se pensarmos em sua dignidade ou sua utilidade.

A dignidade do dom da pregação é como a de uma senhora ajudada e levada em um carro, enquanto outros dons de aprendizagem e fala esperam, como servos, conscientes de sua superioridade.

De acordo com esta dignidade, a pregação tem um valor duplo: (**1**) É fundamental para reunir a igreja e reunir todos os eleitos, (**2**) afasta os lobos do rebanho do Senhor. A pregação é a *flexamina*[3], o sedutor da alma, pela qual nossas mentes soberbas são moderadas e mudadas de um estilo de vida ímpia e pagã a uma vida de fé e arrependimento cristão. Também é a arma que tem

[3] *Flexamina* - poder de convicção e persuasão

sacudido os cimentos das antigas heresias, e também, mais recentemente, cortado em pedaços os tendões do Anticristo. Portanto, se alguém pergunta qual presente espiritual é o "mais excelente", sem dúvida, o prêmio deve ser dado ao profetizar.

É a melhor coisa, mas merece ser apresentado cuidadosamente com uma ampla variedade de conselhos ricos e sábios. Mas esta tarefa diária é descrita com frequência de uma maneira pouco adequada e inclusive empobrecida em comparação com a atenção que outras disciplinas recebem. Eu, portanto, estudei cuidadosamente os escritos dos teólogos, composto de uma série de normas e princípios do ensino, e tentei explicar de uma maneira que seja útil e fácil de recordar.

Agora estou pondo por escrito estas reflexões sobre a pregação para que sejam impressas – seja aprovado se tem algum valor, seja criticado ou refutado se tem deficiências. Se você está convencido deste estilo de pregação, caminhe comigo, se tem alguma dúvida consulte comigo, se você começar a ver pontos em que me desviei, volte a senda correta comigo, se você vê que tenho me desviado, me chame de volta ao caminho em que você se encontra. Sua apreciação desacordará de mim muito em breve, se você não gosta dos homens piedosos e de mente moderada! Mas se alguém tem queixas mesquinhas acerca destas páginas - já que são poucos – minha consciência é uma forte defesa suficiente contra toda crítica, porque minha única

preocupação tem sido a de servir a igreja de Deus. Então, meus irmãos, eu recomendo este livro a ele, e este pequeno livro sobre a arte de profetizar a você, assim como ele.

WILLIAM PERKINS
Dezembro de 1592

INTRODUÇÃO

O estudo da profecia implica um compromisso da mente para adquirir a capacidade de exercer a profecia corretamente. Profecia (ou profetizar) é uma expressão solene e pública pelo profeta, relacionada com o culto de Deus e a salvação de nossos próximos, já que as seguintes passagens indicam: "Mas quem profetiza o faz para edificação, exortação e consolo" (*1 Co 14:3*). "Mas se entrar algum descrente ou não instruído quando todos estiverem profetizando, ele por todos será convencido de que é pecador e por todos será julgado" (*1 Co 14:24*). "Deus, a quem sirvo de todo o coração pregando o evangelho de seu Filho, é minha testemunha..." (*Rm 1:9*).

1. A ARTE DE PROFETIZAR

Há duas partes da profecia: a pregação da Palavra e a oração pública. Para o profeta (isto é, o ministro da Palavra) há somente dois deveres. Um é pregar a Palavra, e o outro é orar a Deus em nome do povo: "Havendo... profecia, seja ela segundo a medida da fé" (*Rm 12:6*); "Restitui a mulher ao seu marido, pois é profeta, e orará por ti, para que vivas" (*Gn 20:7*). Note que na Bíblia a palavra "profecia" é usada tanto para oração como para pregação: "Os filhos de Asafe, de Hemã, e de Jedutum, os quais devem profetizar com arpas, instrumentos de cordas, e címbalos" (*1Cr 25:1*); "Os profetas de Baal chamaram o nome de Baal desde a manhã até o meio dia... E então, passado o meio-dia, profetizaram eles até a hora de se oferecer o sacrifício da tarde..." (*1Re 18:26, 29*). Assim a tarefa de cada profeta é falar em parte como a voz de Deus (na pregação), e em parte como a voz do povo (na oração): "Se apartares o precioso do vil, serás como a minha boca" (*Jr 15:19*); "E Esdras bendisse o Senhor, o grande Deus. Então todo o povo respondeu: 'Amém, Amém! " (*Ne 8:6*).

Pregar a Palavra é profetizar em nome e como representante de Cristo. Através da pregação aqueles que ouvem são chamados ao estado de graça, e preservados nele. Deus "nos deu o ministério da reconciliação... De sorte que somos embaixadores por Cristo, como se Deus por nós

vos exortasse. Rogamo-vos, pois, por Cristo que vos reconcilieis com Deus. ” (*2Co. 5:18, 20*). “Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, através da santificação pelo Espírito, e fé na verdade, e para isso vos chamou pelo nosso evangelho” (*2Ts 2:13, 14*); “O evangelho é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (*Rm 1:16*); “Não havendo profecia o povo se corrompe” (*Pv 29:18*); “Como pois invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não há quem pregue? ” (*Rm 10:14*).

2. A PALAVRA DE DEUS

A Palavra de Deus unicamente deve ser pregada, em sua perfeição e consistência interna. A Escritura é o tema exclusivo da pregação, o único campo em que o pregador deve trabalhar. "Eles têm Moisés e os Profetas, que os ouçam" (*Lc 16:29*). "Os mestres da lei e os fariseus se assentam na cadeira de Moisés [isto é, que ensinam a doutrina de Moisés, que confessam]. Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles dizem" (*Mt 23:2-3*).

A Palavra de Deus é a sabedoria de Deus que se revela do céu é a verdade que é segundo a piedade. "Mas a sabedoria que vem do alto é antes de tudo pura..." (*Tg 3:17*), "Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo para levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade que conduz à piedade" (*Tt 1:1*). As qualidades excepcionais da Palavra, tanto em sua natureza e seus efeitos, provocam nossa admiração.

A Natureza da Escritura

A excelência da natureza da Escritura pode ser descrita em términos de sua perfeição e pureza, e sua eternidade.

Sua *perfeição* consiste tanto em pureza quanto suficiência. Sua suficiência é tal que como a Palavra de Deus que é tão completa que nada pode ser acrescentado ou tomado dela

que pertença a seu fim próprio: "A lei do Senhor é perfeita, e revigora a alma" (*Sl 19:7*). "Apliquem-se a fazer tudo o que Eu lhes ordeno; não lhe acrescentem nem lhe tirem coisa alguma" (*Dt 12:32*). "Declaro a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro: se alguém lhe acrescentar algo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro. Se alguém tirar alguma palavra deste livro de profecia, Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida e na cidade santa, que são descritas neste livro"
(*Ap 22:18-19*).

A *pureza* das Escrituras se encontra no fato de que está completa em si mesma, sem nenhum engano ou erro: "As palavras do Senhor são puras, são como prata purificada num forno, sete vezes refinada" (*Sl 12:6*).

A *eternidade* da Palavra é sua qualidade de permanecer inviolável. "Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra" (*Mt 5:18*).

Os Efeitos da Escritura
O caráter excepcional da influência da Bíblia reside em duas coisas:

1. Seu *poder* para penetrar no espírito do homem: "Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra ao ponto de dividir alma

e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração" (*Hb 4:12*)

2. Sua *capacidade* para atar a consciência, isto é, para restringi-la diante de Deus, para desculpar ou acusar-nos dos pecados: "Há apenas um Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e destruir" (*Tg 4:12*). "Pois o Senhor é o nosso juiz, o Senhor é o nosso legislador, o Senhor é o nosso rei; é ele que nos salvará" (*Is 33:22*).

A Palavra de Deus está nas Sagradas Escrituras. A Escritura é a Palavra de Deus escrita em uma linguagem apropriada para a igreja pelos homens que foram chamados de imediato para serem obreiros ou secretários do Espírito Santo: "pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo" (*2Pe 1:21*). Fala-se dela como Escritura canônica, porque ela é, por assim dizer, um cânon, que é uma regra ou uma linha utilizada pelo maestro artesão, com a ajuda dos quais a verdade foi descoberta pela primeira vez e, em seguida, examina: "...todos os que andam conforme essa regra" (*Gl 6:16*). Em consequência, a suprema, a determinação definitiva e o juízo de todas as controvérsias na igreja devem ser feitas por ela.

A suma e sustância da mensagem da Bíblia podem ser resumidas em um argumento (ou silogismo) como este:

Premissa Maior: O verdadeiro Messias seria Deus e homem, da semente de Davi. Ele nascerá do seio de seu Pai Celestial. Ele cumprirá a lei. Oferecer-se-ia como sacrifício pelos pecados dos fiéis. Ele vencerá a morte e ressuscitará. Ele subirá ao céu. No seu devido tempo Ele voltará para o juízo.

Premissa menor: Jesus de Nazaré, o filho de Maria, cumpre todos os requisitos.

Conclusão: Portanto, Jesus é o verdadeiro Messias.

Neste silogismo a premissa maior é o alcance ou a carga principal dos escritos dos profetas. A premissa menor se encontra nos escritos dos evangelistas e apóstolos.

3. O CONTEÚDO DA ESCRITURA

As Escrituras se dividem em Antigo e Novo Testamento. O Antigo Testamento é a primeira parte da Escritura. Escrito pelos profetas em hebraico (algumas partes em aramaico), que principalmente se desenvolve o "velho pacto" de obras (Moisés e os profetas, '*Lc 16:29*'). "E começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras" (*Lc 24:27*). Está dividida em sessenta e seis livros que são história, ou doutrina, ou de natureza profética.

O ANTIGO TESTAMENTO

Livros Históricos

Os livros históricos registram relatos das coisas que ocorreram ilustram e confirmam a doutrina que é exposta em outros livros: "Essas coisas aconteceram a eles como exemplos e foram escritas como advertência para nós" (*1Cor 10:11*). "Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar" (*Rom 15:4*). Há quinze livros históricos:

1. *Gênesis* é uma história da criação, da queda, da primeira promessa de salvação, e do estado da igreja preservada e mantida no contexto das famílias particulares.

2. *Êxodo* é uma história da libertação dos israelitas das mãos dos egípcios. Nele é descrito o êxodo, a promulgação da lei, e o tabernáculo.

3. *Levítico* registra as normas para o culto cerimonial.

4. Números é uma história da atividade militar do povo na terra de Canaã.

5. *Deuteronômio* é um comentário que repete e explica as leis que se encontram nos livros anteriores.

6. *Josué* descreve a entrada e a possessão da terra de Canaã sob a liderança de Josué.

7. *Juízes* proporciona uma história da condição corrupta e sem esperança da Igreja e de Israel desde os dias de Josué até Eli.

8. *Rute* relata acerca dos matrimônios e da posteridade de Rute.

9. 1 *e 2 Samuel* registram eventos nos dias dos sacerdotes Eli e Samuel, e durante os reinados de Saul e Davi.

10. 1 *e 2 Reis* narram o que sucedeu nos dias dos reis de Israel e de Judá.

11. 1 *e 2 Crônicas* contém uma história metódica do início, aumento e ruína do povo do povo de Israel, e ajuda a localizar e explicar a imagem de Cristo.

12. *Esdras* contém uma história do retorno do povo do cativeiro na Babilônia, e o começo da restauração da cidade de Jerusalém.

13. *Neemias* descreve a restauração da cidade que ainda estava inacabada.

14. *Ester* é uma história da preservação da Igreja judia na Pérsia através da ação de Ester.

15. *Jó* é uma história que narra as causas de suas provas e seus diversos conflitos com seu final feliz.

Livros Doutrinais

Os livros dogmáticos ou doutrinais são os que ensinam e prescrevem as doutrinais de nossa teologia. Há quatro deles no Antigo Testamento.

1. *Salmos* contêm cantos sagrados adequados para cada condição da Igreja e seus membros individuais, compostos para serem cantados com a graça no coração.
(*Cl 3:16*).

2. *Provérbios* servem como um manual de comportamento cristão e ensina-nos acerca da piedade para com Deus e a justiça para com o próximo.

3. *Eclesiastes* revela o vazio de todos os prazeres humanos na medida em que são experimentados, aparte do temor de Deus.

4. *Cânticos dos Cânticos* é uma descrição alegórica da relação entre Cristo e a Igreja nos términos da relação entre um esposo e sua esposa (ou o esposo e a esposa).

Livros Proféticos

Os livros proféticos contêm predições, que são os juízos de Deus sobre os pecados do povo ou a libertação da Igreja que finalmente se completou na vinda de Cristo. Estas predições dos profetas se entrelaçam com as chamadas ao arrependimento. Quase sempre denotam o consolo que se encontra em Cristo para aqueles que se arrependem.

Era característico dos profetas ajudarem a memória e a compreensão de seus ouvintes mediante o registro dos resumos dos sermões que pregavam com maior extensão: “O Senhor me disse: "Tome uma placa de bom tamanho e nela escreva de forma legível” (*Is 8:1*); “Então o Senhor respondeu: "Escreva claramente a visão em tabuinhas, para que se leia facilmente” (*Hb 2:2*).

Os livros proféticos são descritos geralmente como "Maior" ou "Menor". Os "Maiores" descrevem em detalhe as coisas que os profetas predisseram, as quais incluem as profecias de *Isaías, Jeremias, Ezequiel* e *Daniel*. Também incluem-se neste caso *Lamentações de Jeremias*, que expressam a miséria dos Judeus na época da morte de Josias. Os profetas "menores" tratam de maneira mais breve e com menos detalhes as coisas que se anunciavam para o futuro, ou ao menos algumas delas. Estes são: *Oseías, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias* e *Malaquias*.

Este é, então, o Antigo Testamento.

O NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento é a segunda parte da Escritura. Seus conteúdos foram escritos em grego pelos apóstolos, ou pelo menos foram aprovados por eles (cp. "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas", *Ef 2:20*). Eles expõem claramente o ensino do novo pacto. Pedro aprovou o Evangelho de Marcos, por cuja investigação ou a descrição foi escrito por João Marcos, segundo tradição da Igreja Primitiva. E João, o Evangelista aprovou também o Evangelho de Lucas. A opinião relatada por Eusébio que dois lugares nas cartas de Paulo (*2Tm 2:8 e Rm 2:16*) indicam que ele era o autor deste Evangelho tem pouco peso. Nestes versículos Paulo não está falando do evangelho

como um livro, mas de todo seu ministério, já que acrescenta "pelo qual sofro a ponto de estar preso como criminoso" (*2Tm 2:9*).

O Novo Testamento contém histórias e cartas.

Historias

1. Os quatro Evangelhos de *Mateus, Marcos, Lucas* e *João*, contêm o relato da vida, as obras e o ensino que Cristo mostrou ao mundo, desde o momento de sua concepção até a sua ascensão ao céu. Destes quatro autores, dois eram ouvintes e testemunhas, pois foram capazes de dar uma garantia maior da veracidade da história.

A diferença entre os Evangelhos pode ser expressa da seguinte maneira:

a. Mateus dá uma explicação clara das doutrinas que Cristo entregou.

b. Marcos estabelece uma breve história, apesar de seu Evangelho não ser um compêndio do Evangelho de Mateus, como Jerônimo pensava. Ele começa seu relato de uma maneira muito diferente, e procede em uma ordem diferente, que trata de algumas das coisas em geral, assim como entrelaça algum material novo.

c. Lucas enfocou em proporcionar uma história precisa, e descreve os acontecimentos em uma ordem determinada.

d. João é quase que completamente dedicado a mostrar a deidade de Cristo e os benefícios que se derivam dela.

Jerônimo distinguiu os evangelistas entre si por suas abordagens diferentes. Ele disse que Mateus é como um homem, porque começa com a humanidade de Cristo, Marcos como um leão, porque começa com a pregação de João Batista, que era como o rugido de um leão. Ele compara Lucas com um boi, porque começa com Zacarias, o sacerdote que oferece sacrifício. Ele compara João a uma águia, porque se eleva as alturas, por assim dizer, e começa com a deidade de Cristo.

2. *Os Atos dos Apóstolos* é uma história ordenada que registra a obra de Pedro e Paulo em particular, e que ilustra o governo da igreja primitiva (cp. *2Tm 3:10*).

3. *Apocalipse* é uma história profética da condição da igreja da época em que o Apóstolo João viveu até o fim do mundo.

As Cartas
Em relação às cartas, treze delas são de Paulo e cobrem os seguintes temas:

1. *Romanos*: a justificação, a santificação, e os deveres da vida cristã.

2. *1 Coríntios*: a reforma dos abusos na igreja de Corinto.

3. *2 Coríntios*: a defesa de Paulo como apóstolo e de seu apostolado contra seus oponentes.

4. *Gálatas*: a justificação pela fé, sem obras da lei.
5. *Efésios;* **6**. *Filipenses;* **7**. *Colossenses;* **8**. *1 Tessalonicenses;* **9**. *2 Tessalonicenses*: confirmar as igrejas na doutrina e nos deveres da vida cristã.

10. *1 Timóteo;* **11**. *2 Timóteo*: prescrever a forma de ordenar corretamente a igreja.

12. *Tito*: ordenar a Igreja em Creta.

13. *Filemon*: a recepção do escravo fugitivo, Onésimo.

A Carta aos *Hebreus* trata da pessoa e dos ofícios de Cristo e descreve o caráter da fé que dá frutos em boas obras.

Tiago expõe as boas obras que devem acompanhar a fé.

1 e 2 Pedro relatam a santificação e as obras da nova obediência.

1 João expõe os sinais da comunhão com Deus.

2 João foi escrito para "a senhora eleita" sobre a perseverança na verdade.

3 João, dirigida a Gaio, trata da hospitalidade e da constância no bem.

Judas destaca a constância na fé contra a influência dos falsos profetas.

Estes, pois, são os livros que formam parte das Escrituras canônicas.

O CÂNON DA ESCRITURA

Existe uma forte evidência de que estes livros somente e não outros constituem a Palavra de Deus. Um tipo de prova permite-nos saber isso, o outro dá expressão a ela. Da primeira classe há uma só, isto é, o testemunho interno do Espírito Santo que fala nas Escrituras, não fala apenas a um indivíduo dentro de seu coração, mas também efetivamente o persuade de que estes livros das Escrituras são a Palavra de Deus. "Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o Senhor. O meu Espírito que está em você e as minhas palavras que pus em sua boca não se afastarão dela, nem da boca dos seus filhos e dos descendentes deles, desde agora e para sempre, diz o Senhor" (*Is 59:21*).

A forma na qual estamos convencidos é da seguinte maneira. Os eleitos, que tem o Espírito de Deus, em primeiro lugar, discernem a voz de Cristo que fala nas

Escrituras. Por outro lado, aprovam a voz que discernem, e o que eles aprovam também creem. Por último, crendo que são (por assim dizer), selados com o selo do Espírito. "Nele, quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados com o Espírito Santo da promessa" (*Ef 1:13*).

A Igreja pode ser testemunha do cânon das Escrituras, mas não pode persuadir internamente quanto a sua autoridade. Se assim fosse a voz da Igreja teria mais força que a voz de Deus, e todo o estado da salvação do homem seria dependente dos homens. O que poderia ser mais miserável que isso?

Mais de um tem formulado uma objeção contra este ponto de vista da Igreja Católica Romana:

Objeção 1: A Bíblia é a Palavra de Deus por si mesma, mas é claro que não é desta maneira, mas deve ser tida como Palavra de Deus pelo juízo da Igreja.

Resposta. (**i**) Este é um contraste irrelevante. Visto que na primeira parte mostra-se a forma em que a Escritura é a Palavra de Deus (isto é, como inspirada por Deus), está última parte não mostra como, antes revela a pessoa que julga o que é a Palavra de Deus.

(**ii**) A própria Escritura dá testemunho de si mesma com o tipo de testemunho que é mais seguro do que todos os juramentos humanos. Porque temos a voz do Espírito Santo que fala nas Escrituras, que também trabalha em nosso coração uma convicção plena de sua inspiração, quando nos dedicamos à escuta, a leitura, e a meditação delas. Não cremos em algo, porque a Igreja diz que crê, cremos naquilo que a Igreja diz, pois tudo foi antes dito pela Escritura.

Como questão de fato, a igreja não pode estar de pé, nem se imaginava sua existência aparte da fé, e a fé não existe sem a Palavra. Ela só é a regra do objeto da fé, não o juízo de meros homens, inclusive os homens mais santos.

(**iii**) A pessoa que duvida que as Escrituras também duvidam do testemunho da igreja.

Objeção 2: A igreja tem uma missão que cumprir no exercício de seu juízo para determinar estas questões. Assim, a carta que se enviou desde o conselho especial dos apóstolos e anciãos em Jerusalém foi redigida nestes términos: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" (*At 15:28*).

Resposta: (**i**) A sentença soberana ou suprema em matéria de fé é a prerrogativa do Espírito Santo que fala nas Escrituras. O ministério do juízo (ou um ministério falho) se dá à Igreja somente porque ela tem que julgar de acordo

com as Escrituras. Devido àqueles que nem sempre fazem isso, às vezes a Igreja falha.

(**ii**) Os apóstolos estavam presentes no concílio que se celebrou em Jerusalém. Eram homens cuja autoridade havia de ser crida em si mesma. Mas o ministério da igreja já não possui autoridade imediata.

Desta maneira, a prova da declaração ou testemunho que a Igreja dá acerca da Escritura não demonstra nem nos persuade de que é a Palavra de Deus. Somente ela dá e de diversos modos aprova o verdadeiro cânon. No entanto, esta prova é variada:

Em primeiro lugar, existe o consentimento perpétuo da Igreja nas Escrituras. Isto começa com os crentes no período do Antigo Testamento: "Principalmente porque aos judeus foram confiadas as palavras de Deus" (*Rm 3:2*). Isso continua no Novo Testamento e na Igreja:

a) A partir de Cristo e dos apóstolos, que citam testemunhos fora dos livros inspirados por Deus;

b) Dos Pais: Orígenes, Melito de Sardes, Atanásio, Cirilo, Cipriano, Rufino, Hilário, Jerônimo, Epifânio, Gregório, e assim sucessivamente.

c) A partir dos Concílios de Nicéia e Laodicéia.

Em segundo lugar, existe o consentimento parcial dos pensadores pagãos e inclusive os inimigos da fé que dizem as mesmas coisas que são ensinadas na Sagrada Escrituras, os homens como Homéro, Platão, Josefo, Lactâncio, Cicéro, Vírgilio, Suetônio, Tácito e Plínio podem ser incluídos aqui.

Em terceiro lugar, está a antiguidade da Palavra. Contêm um registro da história humana desde o princípio do mundo. Ao contrário, as histórias seculares mais antigas não foram escritas antes da época de Esdras e Neemias, que viveram no século V antes de Cristo.

Em quarto lugar, a origem da Escritura confirma o cumprimento dessas profecias como a vocação dos gentios, do Anticristo e da apostasia dos judeus.

Em quinto lugar, está a essência do ensino da Escritura: o único Deus verdadeiro, a verdadeira adoração a Deus e a verdade de que Deus é o Salvador.

Em sexto lugar, a harmonia de todas as partes diferentes da Escritura.

Em sétimo lugar, a forma extraordinária em que as Escrituras têm sido conservadas através de todas as épocas de perigo e tempos de revolta geral que a igreja tem experimentado.

Em oitavo lugar, o efeito da Escritura: converte as pessoas, e inclusive apesar de que é completamente contrária aos seus pensamentos e pessoas, ela ganha as pessoas.

Em nono lugar, a sinceridade de suas palavras está cheia da majestade de Deus.

Por último, os autores sagrados não evitaram o registro de sua própria corrupção, entretanto, Moisés falava de si mesmo como sendo o mais manso de todos os homens. Ele faz das duas coisas um argumento para que crêssemos que estes escritores foram guiados pelo Espírito Santo. Cristo, que é descrito nos Evangelhos, disse claramente que é o Filho de Deus, e com Deus o Pai. Dirige toda a glória de Deus a si mesmo. Se esta aplicação não fosse correta e verdadeira, Cristo haveria sentido a ira de Deus como sentiram Adão e Herodes, que trataram de ser semelhantes a Deus. Mas o que sucedeu na realidade foi que Deus vingou sua morte sobre Herodes e sobre os judeus, e sobre Pilatos, e sobre aqueles imperadores que perseguiram a Igreja.

Estes, pois, são os símbolos da origem divina das Escrituras. A luz destas considerações é evidente que o *Livro de Tobias*, a *Oração de Manasses*, o *Livro de Judite*, o *Livro de Baruque*, a *Epístola de Jeremias*, as *adicionais a Danie*l, os *terceiro e quarto livros de Esdras*, as *adicionais do Livro de Ester*, *I e II Macabeus*, o *Livro da Sabedoria* e *Eclesiástico* não devem ser tidos como parte do cânon pelas seguintes razões:

1. Eles não foram escritos pelos profetas.

2. Não foram escritos em Hebraico

3. No Novo Testamento nem Cristo nem os apóstolos apelaram para o testemunho destes livros.

4. Incluem falsos ensinamentos que são contrários as Escrituras.

4. A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS

Até agora temos discutido o objeto da pregação. Há duas partes da mesma: a preparação do sermão e a pregação da mesma. Estas palavras do Senhor aqui são relevantes: "Ele lhes disse: 'Por isso, todo mestre da lei instruído quanto ao Reino dos céus é como o dono de uma casa que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas'" (Mt 13:52).

PREPARAÇÃO

Na preparação deve haver estudo cuidadoso e privado. Várias passagens enfatizam o seguinte: "Até a minha chegada, dedique-se à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino" (*1 Tm 4:13*); "Foi a respeito dessa salvação que os profetas que falaram da graça destinada a vocês investigaram e examinaram" (*1 Pe 1:10*); "No primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, compreendi pelas Escrituras, conforme a palavra do Senhor dada ao profeta Jeremias, que a desolação de Jerusalém iria durar setenta anos" (*Dn 9:2*). Em relação ao estudo da divindade, os seguintes conselhos devem ser seguidos:

Em primeiro lugar, fixar em sua mente a soma e a essência da doutrina bíblica, com suas definições, divisões e explicações.

Em segundo lugar, leia as Escrituras na seguinte ordem. Utilizando a análise gramatical, retórica e lógica, e os estudos complementares pertinentes, leia a carta de Paulo aos Romanos em primeiro lugar. Depois disso, o Evangelho de João. Estas são as chaves do Novo Testamento. A partir deles, os outros livros do Novo Testamento são compreendidos mais facilmente.

Uma vez completado isso, o estudo dos livros doutrinais do Antigo Testamento, especialmente os Salmos, em seguida, os livros proféticos, especialmente Isaías. Por último, os livros históricos, especialmente Gênesis, é muito provável que os Apóstolos e Evangelistas leram Isaías e Gênesis muito, uma vez que há outros livros do Antigo Testamento que são citados com frequência no Novo Testamento (cerca de sessenta passagens de Isaías e Salmos).

Em terceiro lugar, temos que pedir ajuda dos escritores cristãos ortodoxos, não somente dos tempos modernos, mas também da igreja antiga. Uma vez que Satanás levanta antigas heresias dos mortos com o fim de retardar a restauração da igreja, que já começou em nossa própria época. Os antitrinitarianos simplesmente tem pintando uma nova capa de verniz sobre a opinião de Ário e Sabélio. Os anabatistas radicais repetem as doutrinas dos essênios, cátaros, entusiastas e donatistas. Os schweckenfeldianos revivem as opiniões dos eutiquianos, entusiastas e outros. Meno segue os ebionitas, e o catolicismo romano

assemelha-se aos fariseus, encratitas, tatianos e pelagianos. Os libertinos repetem os pontos de vista dos gnósticos e carpocracianos. Serveto tem revivido as velhas heresias de Paulo de Samosata, Ário, Eutiques, Marcião e Apolinário. Por último, os cismáticos que se separam das igrejas evangélicas revivem as opiniões, os atos e as modas atribuídas por Cipriano de Pupianus e dos audianos e donatistas.

Não busque uma nova forma de rejeitar e refutar estas heresias, os antigos as encontraram nos Conselhos e os pais estavam bem provados e ainda são hábeis.

Em quarto lugar, tudo o que vem através de seus estudos é importante e vale a pena registraram-se em quadros e nos livros comuns, para que tenha tanto o material velho quanto o material novo a sua disposição.

Em quinto lugar e o mais importante de tudo, temos que pedir Deus fervorosamente em oração para abrir aos olhos cegos o significado das Escrituras: "Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei" (*Sl 119:18*). "Dou-lhe este aconselho: Compre de mim ouro refinado no fogo e você se tornará rico; compre roupas brancas e vista-se para cobrir a sua vergonhosa nudez; e compre colírio para ungir os seus olhos e poder enxergar" (*Ap 3:18*)

Livros Comuns

Em relação à composição dos livros comuns, aqui vão alguns conselhos práticos:

1. Faça uma lista dos títulos mais comuns de todos os pontos de doutrina.

2. Divida as páginas da direita de seu livro em colunas ou seções iguais.

3. Não trate de registrar tudo o que lê em um livro, mas somente as coisas que são memoráveis ou incomuns. Não escreva citações, mas somente os pontos principais com as referências apropriadas. Faça uma nota no livro também, para que você seja capaz de encontrar o lugar mencionado em seu livro comum.

4. Algumas coisas podem ser mais difíceis que outras para serem catalogadas com precisão. Portanto, deve agregar uma tabela alfabética para te ajudar a realocar facilmente.

5. Não confie demasiadamente em seu livro. Não há nenhum benefício em escrever coisas a menos que sejam cuidadosamente escondidas em sua memória.

A preparação tem duas partes: a interpretação do significado da passagem e a divisão adequada da mesma para exposição ordenada.

Interpretação

A interpretação é a abertura das palavras e as declarações das Escrituras com o propósito de manifestar um único sentido, completo e natural.

Em contraste com o enfoque, a Igreja de Roma crê que as passagens das Escrituras têm quatro sentidos: o literal, o alegórico, o tropológico e anagógico. Um exemplo disso pode ser encontrado na maneira de entender a figura de Melquisedeque. Ele ofereceu pão e vinho a Abraão (*Gn 14:8*). O sentido literal é o rei de Salém, com a comida que trouxe, refrescou os soldados de Abraão, que estavam cansados depois da viagem. O sentido alegórico é que o sacerdote oferece Cristo na missa. O sentido tropológico é que vamos dar aos pobres. O sentido analógico é que Cristo, que está no céu será o pão da vida dos fiéis.

Este padrão de sentido quádruplo da Escritura deve ser rejeitado e destruído. A Escritura tem um só sentido, o literal. Uma alegoria é somente outra maneira de expressar o mesmo significado. O anagógico e tropológico são formas de explicar o sentido da passagem.

O principal intérprete da Escritura é o Espírito Santo. Aquele que faz a lei é seu maior e melhor intérprete. O meio supremo e absoluto da interpretação é a própria Escritura: "Leram o Livro da Lei de Deus, interpretando-o e explicando-o, a fim de que o povo entendesse o que estava

sendo lido" (*Ne 8:8*).

Há, no entanto, três meios subordinados que nos ajudam a interpretar uma passagem da Escritura: a analogia da fé, as circunstâncias da passagem em particular, e a comparação com outras passagens.

1. A *analogia da fé* é um resumo das Escrituras, a partir de suas partes conhecidas e claras. Há dois elementos nela. O primeiro tem a ver com a fé, que se maneja no Credo dos Apóstolos. A segunda refere-se a caridade ou o amor, que é exposto nos Dez Mandamentos. "Retenha, com fé e amor em Cristo Jesus, o modelo da sã doutrina que você ouviu de mim" (*2 Tm 1:13*).

2. As *circunstâncias de uma passagem* podem ser esclarecidas pelas seguintes perguntas: Quem está falando? Para quem? Em qual ocasião? A que horas? Em que lugar? Para qual fim? O que vem antes? O que vem depois?

3. Uma *comparação de diferentes passagens* implica comparar uma com a outra de maneira que seu significado possa ficar mais claro. "Mas Saulo... confundia os Judeus que viviam em Damasco, demonstrando [isto é, mediante a comparação] que Jesus é o Cristo" (*At 9:22*). Ao comparar diferentes passagens pode implicar duas coisas:

I. A primeira consiste na comparação de uma declaração em um contexto com o restante dos outros lugares que aparecem nas Escrituras. Por exemplo: “Torne insensível o coração desse povo; torne surdos os ouvidos dele e feche os seus olhos. Que eles não vejam com os olhos, não ouçam com os ouvidos, e não entendam com o coração, para que não se convertam e sejam curados" (*Is 6:10*). Isto se repete seis vezes no Novo Testamento (*Mt 13:14*; *Mc 4:12*; *Lc 8:10*; *Jo 12:40*; *At 28:27*; *Rm 11:8*).

Quando os textos se repetem como este frequentemente contém alterações por diversas razões:

1. *Exegética*: esclarecer sua exposição. Alguns exemplos são:

- **a.** Sl 78:2 **citado em** Mt 13:35
- **b.** Sl 78:24 **citado em** Jo 6:31
- **c.** Is 28:16 **citado em** Rm 9:33
- **d.** Sl 110:1 **citado em** 1 Co 15:25
- **e.** Sl 116:10 **citado em** 2 Co 4:13
- **f.** Gn 13:15 **citado em** Gl 3:16.

2. *Diacrítico*: distinguir, indicar ou esclarecer os lugares, tempos e pessoas, como por exemplo, *Mq 5:2* citado em *Mt 2:6*.

3. *Para limitar o sentido* de *uma passagem* a sua intenção original e o significado do Espírito Santo. Estes exemplos

podem ser encontrados em:

a. Dt 6:13 **em** Mt 4:10
b. Is 29:13 **em** Mt 15:8
c. Gn 2:24 **em** Mt 19:5
d. Is 59:20 **em** Rm 11:26

4. Para aplicação, pela qual um tipo pode estar relacionado com seu cumprimento, do geral para o particular e vice-versa. Alguns exemplos são:

a. Jn 1:17 **em** Mt 12:40
b. Is 61:1 **em** Lc 4:18
c. Sl 22:18 **em** Jo 19:24
d. Ex 12:46 **em** Jo 19:33
e. Sl 69:25 **em** At 1:20

5. Por uma questão de brevidade, algumas coisas podem ser omitidas. A omissão também pode ocorrer porque as palavras não são adequadas para o tema em questão. Um exemplo disso é o uso de Zacarias 9:9 em Mateus 21:05

II. O segundo tipo de comparação inclui a comparação de um contexto com o outro. Novamente, estas podem ser diferentes. Os lugares que são similares estão de acordo um com o outro, em certos aspectos, talvez em sua fraseologia e a maneira de falar, ou em seu sentido.

Os lugares que estão de acordo com respeito a fraseologia incluem:

a. Gn 28:12 **e** Jo 1:51
b. Gn 3:15 **e** Rm 16:20
c. Gn 8:21 **e** Ef 5:02

As concordâncias gregas e hebraicas são muito úteis para o acompanhamento de exemplos deste tipo.

Os lugares que estão de acordo no sentido são os que têm o mesmo significado. Sob este título, é digno destacar especialmente a comparação de um princípio geral com um exemplo concreto dele. Por exemplo:

a. Pv 28:13 **e** Sl 32:3-4
b. 2 Sm 15:25 **e** 1 Pe 5:6

Isto em relação os lugares que são similares. Os lugares que são diferentes entre si, aparentemente não estão de acordo uns com os outros, seja na fraseologia ou significado. Por exemplo:

a. Rm 3:28 **e** Tg 2:24
b. 1 Re 9:28 **e** 2 Cr 8:18
c. At 7:14 **e** Gn 46:27
d. At 7:16 **e** Gn 48:22
e. Zc 11:13 **e** Mt 27:9

5. PRINCÍPIOS PARA EXPOR AS ESCRITURAS

As Escrituras devem ser interpretadas de acordo com a natureza da passagem que está sendo manejada. Estas podem ser classificadas como analógica e plana, ou enigmática e escura.

Lugares analógicos são aqueles cujo significado aparente é claramente consistente com a analogia da fé. Aqui está a regra que deve ser seguida: Se o significado natural das palavras de acordo com as circunstâncias é o significado correto. Por exemplo: “Todos os profetas dão testemunho dele, de que todo aquele que nele crê recebe o perdão dos pecados mediante o seu nome" (Atos 10:43). O significado do texto é muito claro, a saber, que Jesus Cristo dá a justiça e a vida eterna aos que creem Nele. Podemos aceitar esta interpretação de imediato, já que está de acordo com a analogia da fé e com as Escrituras.

Nós devemos ainda mais nos dar conta de que todos os artigos e doutrinas que se relacionam com a fé e a vida são necessários para a salvação é expresso nas Escrituras.

Passagens enigmáticas ou ocultas são aquelas que são difíceis e escuras. Para expô-las esta regra e guia devem ser seguidas: Se o significado natural das palavras obviamente

não está de acordo com a analogia da fé ou muitas partes claras da Escritura, então outro significado, que está de acordo com os ambos os lugares semelhantes e diferentes, com as circunstâncias e as palavras da passagem, e com a natureza daquilo que se discute, deve ser o correto.

Um exemplo importante deste princípio claro da interpretação das palavras: "Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim" (*1 Co 11:24*). Diversas interpretações têm sido dadas a esta declaração, incluindo: que o pão da comunhão é na realidade o corpo de Cristo, convertendo-se assim na transubstanciação (visão católica romana), ou que o corpo de Cristo está presente com o pão (consubstanciação - visão luterana). Mas expor estas palavras em um sentido ou outro não estaria de acordo com um artigo fundamental da fé: Cristo "ascendeu ao céu". E também com a natureza do sacramento, como um memorial do corpo ausente de Cristo. Consequentemente, outra interpretação deve ser buscada.

Uma interpretação diferente é que, no contexto, o pão é um sinal do que é o corpo. Neste caso a figura de linguagem conhecida como metonímia está utilizando um termo que se utiliza para outra coisa, mas se relaciona com ela. Esta é uma exposição apropriada pelas seguintes razões:

Em primeiro lugar, que está de acordo com a analogia da

fé de duas maneiras:

1. “Subiu aos céus”, foi elevado a nível local e visível da terra ao céu. Portanto, seu corpo não pode ser recebido com a boca na comunhão, mas pela fé apreendida ao céu.

2. Ele “nasceu da virgem Maria”, Cristo teve um corpo real e natural de comprimento, largura, espessura, estabelecido e circunscrito em um lugar particular. Se isto é assim, o pão da Ceia não pode ser seu próprio corpo, mas somente deve ser um sinal ou promessa dela.

Em segundo lugar, esta interpretação é coerente com as circunstâncias descritas na passagem
(*1 Co 11:23-26*):

1. Ele tomou... e o partiu”. É pouco provável que Cristo sentado no meio dos apóstolos rompeu seu próprio corpo com suas mãos! Portanto, o pão deve ser mais que um sinal e selo.

2. “...Quebrantado (ou dado) por vós”. O pão não pode ser dado para nós como se fosse o corpo de Cristo. Portanto, o pão não é o corpo, mas é tão simbolicamente um sinal.

3. “O cálice é a nova aliança”, não literalmente, mas por metonímia. Visto que este é o caso, não há nenhuma razão para que a metonímia não seja utilizada nestas palavras:

"Isto é o meu corpo".

4. O próprio Cristo comeu o pão, mas não comeu a si mesmo!

5. "Fazei isto em memória de mim". Estas palavras supõem que Cristo não está corporalmente na boca, mas espiritualmente presente na fé do coração.

6. "Até que Ele venha". Estas palavras supõem que Cristo está ausente quanto ao corpo.

7. Cristo não falou sobre estar sob a forma do ou no pão, Ele disse: "Este (isto é, 'o pão') é meu corpo".

Em terceiro lugar, está interpretação é coerente com a natureza do sacramento em que deve existir uma relação adequada e similitude entre o símbolo e a coisa representada.

Em quarto lugar, esta interpretação é coerente com outros usos bíblicos (por exemplo: *Gn 17:10-11*; *1 Co 10:4*; *Rm 4:11*; *Ex 12:11*; *At 22:16*; *Jo 6:35*; *1 Co 10:16*).

Em quinto lugar, de acordo com as leis da lógica. As coisas que são essencialmente diferentes (como o pão e o corpo) não podem ser identificados da mesma maneira, mas somente por uma figura retórica.

Em sexto lugar, esta interpretação encaixa com a fala cotidiana. No mundo antigo, as faces (os feixes de hastes que eram levados diante dos magistrados romanos) foram utilizadas como um símbolo para o próprio governo, o cetro do reino, o vestido da paz, a coroa de louros para o triunfo. Ao falar do como o corpo de Cristo é usar uma figura similar de expressão.

Uma série de implicações importantes para a interpretação das Escrituras segue esta regra de interpretação.

Implicações

I. Às vezes, é apropriado fornecer as palavras que faltam no texto quando estas são compatíveis com a analogia da fé e das circunstâncias e as palavras do contexto. Exemplos disto podem ser encontrados em *Ex 4:25*, *19:04*; *2 Sm 21:16*; *Lc 13:9*; *1 Co 9:25*.

II. Se uma explicação alternativa do texto implica a mudança de um substantivo (ou nome) por outro, isto é uma indicação de que está sendo empregada uma figura retórica. Alguns princípios gerais de orientação podem ser úteis aqui:

a) O antropomorfismo é um uso metafórico de linguagem que é apropriado para o homem descrever Deus. Assim por exemplo, a "alma" de Deus indica sua vida ou sua essência

"Porventura não castigaria eu por causa destas coisas? diz o Senhor; não me vingaria eu de uma nação como esta? " (*Jr 5:29*). "Cabeça" denota sua superiodade: "e Deus é a cabeça de Cristo" (*1 Co 11:3*). O "rosto" de Deus refere-se ao seu favor ou sua ira: "Tu, Senhor, pelo teu favor fizeste forte a minha montanha; tu encobriste o teu rosto, e fiquei perturbado" (*Sl 30:7*). "A face do Senhor está contra os que fazem o mal, para desarraigar da terra a memória deles" (*Sl 34:16*). As referências aos "olhos" geralmente indicam Sua graça e providência: "Os olhos do Senhor estão sobre os justos" (*Sl 34:15*). A "menina dos seus olhos" significa algo especial, querido para Ele: "porque aquele que tocar em vós, toca na menina do seu olho" (*Zc 2:8*). Uma referência as orelhas, normalmente, indica o ouvido de nossas orações. De maneira similar, o nariz representa Sua indignação, Suas mãos destacam Seu poder e proteção, com o braço Sua força e fortaleza, a mão direita Sua autoridade suprema, o dedo Sua virtude, o pé representa Seu governo e poder (por exemplo, no *Sl 110:1*), Seu cheirar por ter aceitado algo: "Sentiu Jeová o suave cheiro" (*Gn 8:21*). O arrependimento utiliza-se para a mudança das coisas e ações que Deus executa.

b) Linguagem sacramental, ou mais adequadamente metonímia sacramental, envolve o símbolo que é utilizado para denotar o que algo significa e vice-versa. Deste modo, por exemplo, a árvore da ciência do conhecimento do bem e do mal significa que a árvore é um símbolo destas coisas.

Do mesmo modo, a circuncisão chama-se tanto o pacto e o sinal do pacto (*Gn 17:10-11*). Abraão chamou esse lugar de Monte Moriá onde estava a ponto de sacrificar Isaque quando Deus o impediu (e o carneiro que estava preso pelos chifres em um arbusto foi sacrificado em seu lugar) "Jeová-Jireh" que significa "Deus provê ou Deus proverá". O lugar tornou-se um sinal do que o Senhor faria (*Gn 22:14*). A pedra que Jacó havia usado como almofada na noite em que sonhou com a escada que chegava até o céu chama-se Betel "Casa de Deus" (*Gn 28:22*). O sinal identifica-se com aquilo que significa. Assim também, o cordeiro pascal é a páscoa (*Ex 12*). O altar é chamado "Jeová-Nissi" que significa "O Senhor é minha bandeira e estandarte" (*Ex 17:15*). Jerusalém significa "O Senhor está ali" (*Ez 48:35*). O sacerdote 'faz expiação' (*Lv 16*)

No Novo Testamento, Cristo é chamado de Cordeiro: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado mundo" (*Jo 1:29*). O cordeiro pascal é chamado Cristo: "Pois Cristo, nosso Cordeiro Pascal, foi sacrificado por nós" (*1 Co 5:7*). Aos cristãos é dito que sejam "sem fermento". Cristo é chamado "a propiciação" (grego, hilasterion) ou a tampa da arca do pacto (*Rm 3:25*). Aos cristãos é dito que são "um só pão" (*1 Co 10:17*), e é dito que Cristo é a rocha (*1 Co 10:4*). Da mesma maneira o batismo é a lavagem da regeneração (*Tt 3:5*), o cálice chama-se de "um novo pacto", e o pão é dito ser o corpo de Cristo (*1 Co 11:24-25*). Em tais casos, o símbolo é dito ser a coisa representada, mas com o

entendimento de que tal linguagem emprega uma figura retórica na qual o símbolo significa a realidade que ele representa.

c) O que se conhece como a comunicação das propriedades em Cristo (quando o que é apropriado para sua humanidade é atribuído a sua natureza divina) é uma sinédoque- a figura do discurso em que o conjunto representa a parte, ou vice-versa. Através da união do divino e a natureza humana na pessoa de Cristo, o que estritamente falando pertence a somente uma de suas naturezas falando da pessoa como um todo. Alguns exemplos são: "para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue" (*At 20:28*). "Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser aquele que veio do céu: o Filho do homem" (*Jo 3:13*). "Nenhum dos poderosos desta era o entendeu, pois, se o tivessem entendido, não teriam crucificado o Senhor da glória" (*1 Co 2:8*). "Respondeu Jesus: "Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou"! (*Jo 8:58*). "Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens" (*Lc 2:52*). Esta comunicação das propriedades aplica-se somente no concreto, não no abstrato. No concreto refiro-me a todo o homem, como Deus, e por abstrato, qualquer das duas naturezas consideradas como Divina ou humana.

d) Quando se diz algo sobre Deus, que implica sua participação no mal, deve ser entendida como uma

referência a seu consentimento de trabalho. Este é um lugar comum no Antigo Testamento: "Por causa de nossos pecados, a sua grande produção pertence aos reis que puseste sobre nós. Eles dominam sobre nós e sobre os nossos rebanhos como bem lhes parece. É grande a nossa angústia! (*Ne 9:37*). "O Senhor derramou dentro deles um espírito que os deixou desorientados; eles levam o Egito a cambalear em tudo quanto faz, como cambaleia o bêbado em volta do seu vômito" (*Is 19:14*). "Mas o Senhor endureceu o coração do faraó" (*Ex 11:10*). Uma vez mais, "porquanto o Senhor teu Deus endurecera o seu espírito, e fizera obstinado o seu coração para to dar na tua mão, como hoje se vê" (*Dt 2:30*). "Porquanto do Senhor vinha o endurecimento de seus corações, para saírem à guerra contra Israel, para que fossem totalmente destruídos e não achassem piedade alguma; mas para os destruir a todos como o Senhor tinha ordenado a Moisés" (*Js 11:20*). "Seus filhos, contudo, não deram atenção à repreensão de seu pai, pois o Senhor queria matá-los" (*1 Sm 2:25*). "Por vontade de Deus foi que Acazias para a sua ruína visitou a Jorão" (*2 Cr 22:7*). "Mudou-lhes o coração, para que odiassem o seu povo, e usassem de enganos para com os seus servos" (*Sl 105:25*). "E, se o profeta for enganado e levado a proferir uma profecia, eu o Senhor terei enganado aquele profeta, e estenderei o meu braço contra ele e o destruirei, tirando-o do meio de Israel, meu povo" (*Ez 14:9*).

Mas também há exemplos disso no Novo Testamento: "assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm; " (*Rm 1:28*). "Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira" (*2 Ts 2:11*).

e) Uma vez que há muitas coisas que são descritas como se já houvessem terminado. Se, de fato, ainda não estão terminadas, estas declarações indicam que já começaram e estão a caminho de um cumprimento antecipado (por exemplo, *Gn 5:32*, *11:26*; *1 Re 6:2, 37*; *Sl 119:8*). Desta maneira podemos entender o tipo de declarações feitas, por exemplo, em *Lc 1:06 e Fl 3:12, 15*.

f) Os mandamentos morais ou leis que mencionam um pecado especifico pelo nome implica todos os pecados da mesma classe, incluindo suas causas e ocasiões, assim como, tudo o que nos tenta a cometê-los. Os mesmos transmitem as virtudes opostas. Esta é a forma como Cristo expõe as leis morais no Sermão do Monte (veja *Mt 5:21-48*). João ilustra o mesmo princípio quando escreve: "Quem odeia seu irmão é assassino" (*1 Jo 3:15*).

g) As ameaças e promessas normalmente devem ser entendidas no sentido de certas condições. Sua manifestação exterior depende se de fato a fé e o arrependimento estão presentes em resposta a elas. Isto é claramente evidente de alguns versos (ainda que o castigo e

a cruz sejam exceções a esta regra, por exemplo, *Ez 33:14-15*; *Jn 3:4*; *Ap 21:18*). O que se segue nos eventos a seguir fica claro que a ameaça ou promessa deveriam ser entendidos condicionalmente (por exemplo, *Jr 18:9-10*). Exemplos similares são *Is 38:1* e *Gn 20:3*. Aqui, claramente, a manifestação exterior da vontade de Deus está envolvida, portanto, a distinção foi traçada por teólogos escolásticos entre a vontade significativa de Deus e o beneplácito de Sua boa vontade. Por "beneplácito de sua vontade" entende-se que Deus quer algo absolutamente e simplesmente sem nenhum tipo de condição, tais como a criação e o governo do mundo, ou o envio de Seu Filho. Por Sua "vontade significativa" entende-se que ele quer alguma coisa, tendo em vista outra coisa como condição da mesma. Como tal condição anexada indica a presença da vontade de Deus somos capazes de dizer que Ele faz o que quer.

h) o discurso superlativo ou exclusivo usado de uma pessoa da Deidade não exclui as outras pessoas. Ele apenas nega as criaturas ou deuses falsos das quais o Deus verdadeiro, quer seja uma pessoa ou mais, se opõe. Jesus chamou o Pai de o único Deus verdadeiro, mas somente para distingui-lo de todos os deuses falsos (*Jo 17:3*). Outros exemplos podem ser encontrados em *Mc 13:27*, *Rm 16:27*, *1 Tm 1:17*, *Jo 10:29* é um exemplo óbvio: "Meu Pai...é maior que todos" não significa maior que as outras pessoas da Trindade, mas sim superior a todas as criaturas. Todas as obras exteriores da Trindade, e todos os atributos divinos se entendem

inclusivamente, aplicam-se sem exceção as outras pessoas da Trindade.

i) Quando Deus é considerado absolutamente, ou por Ele mesmo, as três pessoas da Trindade são entendidas. Quando a palavra "Deus" usa-se junto com outra pessoa da Trindade que denota o Pai (por exemplo, *2 Co 13:14*)

j) Um termo geral pode ter um significado particular e vice-versa. Portanto, "todos" pode significar "muitos" e "muitos" pode significar "todos" (como Agostinho deixou bem claro). Vemos isto com frequência nas Escrituras (por exemplo *Gn 33:11*, *Ex 9:6*, *Dt 28:64*, *1 Re 12:18*, *Jr 8:6*, *26:9*; *Mt 4:23*, *21:26*; *Jo 14:13*, *1 Co 6:12*, *Fl 2:21*). Nada pode significar "pouco" ou "pequeno" (*Jo 18:20*, *At 27:33*). "Nenhum" pode ser usado para "poucos" (*Jr 8:6*, *1 Co 2:8*). "Sempre" pode significar "frequentemente" ou "sempre" (*Pv 13:10*, *Lc 18:1*, *24:53*; *Jo 18:29*). "Eterno" pode significar "muito tempo" se melhor adaptar-se ao contexto (por exemplo, *Gn 17:8*, *Lv 25:46*, *Dt 15:17*, *1 Cr 15:2*, *Is 34:6*, *Dn 2:4*, *Jr 25:9*). Em todos os lugares pode significar "aqui ou ali" (Mc 16:20, *At 17:30*). Um aspecto negativo é muitas vezes limitado em seu significado a alguma questão em particular (por exemplo, no *Sl 7:4*, *Jo 9:3*). "Não" pode significar "raramente", "apenas" ou "quase" (*1 Re 15:5*, *Lc 2:37*).

III. As propriedades gramaticais e retóricas das palavras indicam suas nuances de diferença de significado:

Elipse (quando faltam uma ou mais palavras) indica brevidade, ou pode ser uma expressão de profunda emoção (*Gn 3:22*, *11:4*; *Ex 22:20, 23*; *1 Cr 4:10*, *Sl 6:3*, *At 5:39*).

A mudança do tempo perfeito, em que o passado é utilizado para expressar o que sucederá no futuro indica a certeza do que acontecerá (*Gn 20:3*, *Is 9:6*, *21:9*).

Pleonasmo (repetição de uma ou mais palavras), no caso de uma simples repetição de vocabulário indica:

a) Força e ênfase, as palavras significam mais que seu sentindo comum (*Sl 133:2*, *Lc 6:46*).

b) Uma multidão (*Gn 32:16*, *Jl 3:14*).

c) Distribuição (*Lv 17:3*; *1 Cr 26:13*; *2 Cr 19:5*).

d) A diversidade e a variedade (*Sl 12:2*, *Pv 20:10*).

Uma forma diferente de pleonasmo ocorre quando um substantivo é governado por outro. No singular isto é muito significativo e argumenta certeza (*Ex 31:15*, *Mq 2:4*). No plural significa excelência como, por exemplo, no Cântico dos Cânticos, servo dos servos (cp. Também com *Sl 136:2*, *Ec 1:2*).

Pleonasmo no caso de um adjetivo (as vezes também de um

substantivo) significa exagero ou aumento (*Ex 34:6, Pv 6:10, Is 6:3, Jr 7:4, 22:29, 24:3; Ez 21:28*). No caso de um verbo que faz que uma expressão seja mais contundente e significativa, ou indica e expressa veemência, a segurança, ou a velocidade (*Gn 2:7, 46:4; Ex 13:17, 2 Sm 15:30, 2 Re 5:11, 8:10; Sl 50:21, 109:10; Pv 27:23, Is 6:9, 50:2, 55:2, 56:3; Jr 12:16, 23:29*).

Pleonasmo no caso de uma conjunção pode indicar seriedade (*Ez 13:10*). Uma conjunção duplicada aumenta a força da negação (por exemplo, *Ex 14:11, Mt 13:14*).

Pleonasmo em toda uma frase implica em primeiro lugar, a distribuição (*Ez 46:21*), em segundo lugar, a ênfase (*Ex 12:50, Sl 124:1, 145:18*), em terceiro lugar, a repetição de uma frase com outras palavras é para o esclarecimento (*2 Re 20:3, Sl 6:9-10, Is 3:9, Jo 1:3*).

Todas as figuras de linguagem são enfáticas em sua função. Amplia-se o sentido do que é dito. Mas, além de dar prazer literário e estético serve também para alimentar a fé, por exemplo, quando Cristo é posto para o cristão, ou para a igreja de Deus (*Mt 23:35*, *At 9:4*). Isso sem dúvida traz consolo para a alma fiel e alimenta a fé.

Ironia (quando o que se quer dizer é o contrário do que realmente é dito, as vezes, no contexto de escárnio) frequentemente implica uma reprovação pelo pecado (*Jz*

10:14, *1 Re 18:27*, *22:15*; *Mc 7:9*, *1 Co 4:8*).

As figuras de linguagem que envolvem a repetição de uma palavra ou tom, são usadas para dar ênfase (*Sl 67:5-6*, *Is 48:11*, *Jo 1:51*). Há um exemplo notável disto no *Salmo 136*, onde utiliza-se a repetição em cada verso.

Uma pergunta que pode indicar várias coisas: uma afirmação forte (por exemplo, *Gn 4:7*, *37:13*; *Js 1:9*, *1 Re 20:27*, *Mc 12:24*, *Jo 4:35*, *6:7*, *10:13*); uma negação (por exemplo, *Gn 18:4*, *Mt 12:26*, *Rm 3:3*); impotente (*2 Sm 2:22*, *Sl 79:10*), a presença de emoções como a admiração, a compaixão, a queixa ou a busca de erros (*Sl 8:3-4, 22:1; Is 1:21*). Uma concessão indica uma negação e repreensão (como em *2 Co 12:16-17*).